



NOTÍCIAS MAGAZINE

SEMANAL. ESTA REVISTA FAZ PARTE INTEGRANTE DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS N.º 53 348 E DO JORNAL DE NOTÍCIAS N.º 343/127. NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

SONO

FUGIR DAS NOITES EM CLARO

COMO DORMIR BEM NUM PAÍS
QUE ANDA A DESCANSAR POUCO
E A DORMIR MAL.

MOVIMENTO SAUDÁVEL
30 DIAS PARA
FICAR EM FORMA

PORTUGUESES EXTRAORDINÁRIOS GENTE QUE FAZ A DIFERENÇA

POR ANA PAGO



FERNANDO GUEIRA

NINI, A «GAROUTA»

Os hotéis que assina enquanto *designer* de interiores valem-lhe prémios pelo mundo fora, mas é na Madeira que Nini Andrade Silva se sente em casa. Fazer os outros felizes na sua ilha é missão de vida.

Nada agradaria mais a Nini Andrade Silva do que poder ajudar todos os que precisam, como sonha desde que foi vendo as dificuldades nos lugares por onde passa. Teria de multiplicar os seus recursos até ao infinito para cuidar deles, dar-lhes condições e um ideal – aquele brilho nos olhos que mantém as pessoas de cabeça erguida até quando vivem privadas da comodidade. Não dispendo de fundos ilimitados para isso, determinou que fazer o que pode sempre é preferível a não fazer nada. E é assim

que vai fazendo muita coisa, com liberdade e ainda maior responsabilidade, como os pais lhe ensinaram em criança. «Acredito que devemos sempre dedicar parte do nosso tempo a algo de bom, por mais ocupado que seja o nosso dia-a-dia. Algo que nos acrescente e não nos retire», defende a mais premiada *designer* de interiores portuguesa e uma das melhores do mundo, de pés na terra como poucas. «Ajudar os outros pode ser uma forma de construir fantasias. Talvez seja a coisa que mais prazer me dá na vida.»

Aos 53 anos, Isabel Maria Andrade Silva desdobra-se entre o Funchal, Lisboa e geografias tão distintas como Nova Iorque, Londres, Arábia Saudita, Moscovo, China, Japão, Índia, Brasil e tantas outras que dão ao seu trabalho a multiculturalidade reconhecida internacionalmente. Veio em 1979 para a capital formar-se no IADE (atual Instituto de Arte, Design e Empresa). Depois viajou pela América, foi ter com o namorado à África do Sul, fez um curso de floricultura na Dinamarca. Passeou e trabalhou aqui e ali, antes de voltar para abrir a empresa Esboço Interiores, Lda. (em 1991), reputada pela produção e a comercialização de peças artísticas de vanguarda. Tantas eram as solicitações que em 2000 criou o Atelier Nini Andrade Silva, a dar alma a hotéis mundo fora. «Ao fazer um novo projeto, desenho uma peça para leiloar e o dinheiro reverte para uma associação/fundação do país em que me encontro na altura», concede Nini, cujos Aquapura Douro Valley Hotel, The Vine e Fontana Park a têm feito somar prémios no estrangeiro. Talentosa também na pintura, descobriu-a quando não tinha dinheiro para comprar quadros para a sua primeira casa e acabou a vender uma coleção inteira ao comendador Joe Berardo. Hoje transfere esses valores para a Associação Garouta do Calhau, no Funchal, que se encarrega de distribuí-los por quem mais precisa. «Cresci a ver os



Nini Andrade da Silva no seu atelier; com crianças da Associação Garouta do Calhau; na Tailândia; numa conferência em Kuala Lumpur; e numa visita à Arábia Saudita.

meninos desfavorecidos brincarem nas praias de calhau da ilha, a pedirem moedas aos turistas quando os grandes navios vinham aos cais. Prometi a mim mesma fazer tudo para ajudar quando crescesse.» Em homenagem a eles intitulou-se «a Garouta do Calhau», um bocadinho como a garota de Ipanema de Vinicius e Tom Jobim. « Linda e cheia de força ao ponto de os jovens já nem reconhecerem a conotação negativa do nome». Passou a criar objetos, móveis, quadros, tudo em forma de calhaus e sempre com a mesma vontade de contribuir para a felicidade dos outros. «Gostava de ajudar em silêncio, como muita gente faz, mas há uns anos uma amiga, que trabalhava na Segurança Social, pediu-me para dar a cara. Achava que o facto de eu ser conhecida podia levar mais pessoas a aderir e isso aconteceu», diz Nini. O tempo não lhe apagou o sorriso nem o cabelo claro, atributos que a distinguem tanto num jantar elegante como entre destroços após as cheias na Madeira em 2010, onde lhe coube orientar 150 pessoas que limpavam os supermercados inundados. «Aquele fevereiro foi uma das alturas mais emocionantes da minha vida, todos se ajudavam mutuamente. No final de uma semana tive de regressar ao meu trabalho e juro que ficou um enorme vazio.» Foi um momento único. Triste mas comovente. «O sorriso das pessoas foi sempre a minha melhor recompensa.» ■